

A PSICOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA

TALLYS NEWTON FERNANDES DE MATOS
(ORGANIZADOR)



Atena
Editora
Ano 2020

A PSICOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA

**TALLYS NEWTON FERNANDES DE MATOS
(ORGANIZADOR)**



Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editores: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P974	<p>A psicologia na construção de uma sociedade mais justa [recurso eletrônico] / Organizador Tallys Newton Fernandes de Matos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-015-5 DOI 10.22533/at.ed.155202704</p> <p>1. Psicologia – Pesquisa – Brasil. 2. Psicólogos. I. Matos, Tallys Newton Fernandes de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 150</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Aceleração nas mudanças do cotidiano auxilia o homem, por meio da tecnologia, a aperfeiçoar sua comunicação, desenvolvimento e laços. Esse desenvolvimento dar-se de forma vertiginosa e, por muitas vezes, não há a compreensão dos processos envolvidos neste percurso, ocasionando diferentes situações que podem levar a sensação de mal-estar e vazio. Todavia, este desenvolvimento acelerado ocorre por meio da “falta” e da “inquietação” do sujeito em sua dinâmica do cotidiano. É importante salientar que essa “falta” está direcionada ao amor, satisfação e desejo, como elementos essenciais que configuram o sentido e o significado na vida do sujeito.

Por conseguinte, em decorrência dessa “falta”, o sujeito passa a se utilizar de artifícios diversificados para apaziguar imaginariamente e/ou simbolicamente esse vazio. Podemos exemplificar tais artifícios como o consumo de álcool, consumo de drogas, medicamentos, as fantasias, a arte, a fuga da realidade, o materialismo, a busca desenfreada pela elevação de sua natureza, a tentativa ilusória de elevação do status social, a desigualdade, o luxo, o preconceito e o desrespeito, dentre outros, que são formas de iludir e apaziguar o vazio.

Neste cenário, destaca-se o capitalismo que colabora com essa falta por meio da sociedade moderna e democrática, conseguindo buscar, no horizonte da realidade do infortuno, da morte e da violência, a integração num único sistema das diferenças e resistências. Nesse aspecto, há uma mudança do “confronto” para a “evitação”, ou seja, há uma eliminação do “culto da glória” para a “revalorização dos covardes”. De fato, há uma perda da luta das classes sociais na busca pela revolução, possibilitando a divisão social.

Todavia, a obra “A Psicologia na Construção de uma Sociedade mais Justa” tem como foco principal a discussão científica que aborda áreas do conhecimento, como: trabalho, mal-estar na civilização, sociedade, arte, avaliação em psicologia, intervenção em psicologia e desenvolvimento humano. Salienta-se que a conjuntura e organização dos temas na presente obra se deu nessa ordem ideológica, sem a necessidade de tópicos específicos. Tais artefatos são componentes de áreas de atuação científica da psicologia, como: psicologia social, psicologia do trabalho, atuação clínica, avaliação em psicologia, saúde, sociedade, cultura e desenvolvimento humano.

Com isso, o objetivo central desta obra é apresentar um recorte da diversidade e construção teórica na psicologia, através de estudos desenvolvidos em diferentes instituições de ensino e pesquisa do país, possibilitando a reconfiguração de saberes e práticas na busca por modelos de atuação e intervenção no segmento individual e coletivo.

O impacto desta obra se dá por ser fruto de avaliações e exposições de dados, através de encontros e eventos científicos na extensão vertical e horizontal do país, que inicialmente foram avaliados e depois selecionados, por uma equipe editorial, que buscou a identificação e fator de impacto na obra no contexto atual, ou seja, temas diversificados e acentuados são tratados aqui como proposta de fundamentar o conhecimento científico.

Sabemos o quão importante é a divulgação do conhecimento através da produção científica rígida. Para tanto, foi evidenciado o impacto da Atena Editora, e sua capacidade de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para que estes pesquisadores explorem e divulguem seus resultados.

Por fim, que esta obra possa possibilitar diferentes reflexões, como, por exemplo, uma reflexão baseada no Mito da Caverna de Platão, descrito no livro VII da obra “A República”, suscitando o pensar acerca dos esquemas superficiais de comportamento e interpretação de vida aos quais estamos presos e que contribuem para a legitimação do mundo como ele existe. A única maneira de torná-lo menos cruel e mais humanizado é fugirmos das correntes que nos prendem a falsas crenças. Esse resgate é dado na medida em que nos movimentamos, avançamos para fora da caverna de mentiras, desconsideramos o acaso e os limites impostos e nos libertamos dos preconceitos criados pelas ilusões das sombras na parede. Enfim, como já dito sabiamente por uma grande socialista revolucionária no começo no século XX, Rosa Luxemburgo: “Quem não se movimenta não sente as correntes que o prende”.

Tallys Newton Fernandes de Matos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
REVISÃO INTEGRATIVA: SINDROME DE BURNOUT E SUA RELAÇÃO COM A QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO	
Karine Rebelatto Muniz	
Gabrielly Gomes dos Santos	
Lucas Rodrigues da Cunha Paes Leme	
Iracema Gonzaga Moura de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.1552027041	
CAPÍTULO 2	14
A INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO	
Valleska Mendonça Procópio	
Erika Conceição Gelenske Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.1552027042	
CAPÍTULO 3	25
NEXO CAUSAL: UMA ANÁLISE ENTRE TRANSTORNO MENTAL E TRABALHO	
Crislaine Bardini	
DOI 10.22533/at.ed.1552027043	
CAPÍTULO 4	45
SAÚDE DO DOCENTE NA UNIVERSIDADE PRIVADA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	
Cristiane de Carvalho Guimarães	
Isabela Ferreira Rocha Nunes	
Bruna da Conceição Cavalcante	
Caroline Aranha Kalil	
Helen Alice Bezerra Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.1552027044	
CAPÍTULO 5	59
CRENÇAS LIMITANTES SOBRE EMAGRECIMENTO, DIETA E BELEZA: E A EFICÁCIA TERAPIA COGNITIVA COMPORTAMENTAL DA OBESIDADE	
Eliandresso Queiroz Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.1552027045	
CAPÍTULO 6	71
A MORTE E O MORRER NO ENSINO DA PSICOLOGIA	
Raylane Aguiar da Silva	
Naglla Cristina Vieira Silva	
Maria Luiza Gaspar Amorim Sousa Silva	
Luciana Moreira Machado	
Andressa Regina Paulino Costa	
Ana Paula Pereira Cardoso	
Railson Muniz de Sousa	
Francisca Tatiana Dourado Gonçalves	
Zaira Arthemisa Mesquita de Araújo	
Willamy José da Silva Figueredo	
Lucas Danilo Aragão Guimarães	
Márcia Maria Matos Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1552027046	

CAPÍTULO 7	83
MULHERES DE PRESIDIÁRIOS: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NAS RELAÇÕES CONJUGAIS	
Anna Karolina Brandão dos Santos	
Gustavo Ribet Cruz	
Juliana Mendonça Pinheiro	
Lais dos Santos Rodrigues	
Natan Chamarelli Loiola	
Vitória Lima Fernandes Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.1552027047	
CAPÍTULO 8	95
OUVIR PARA COMPREENDER: A DIMENSÃO PSICOLÓGICA DA COMUNIDADE VILA VITÓRIA	
Gabriel Nava Lima	
Carmen Cristina Viegas Campos	
Agnaldo Alles Quaresma	
Ana Beatriz Lima Freitas	
Marta dos Santos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1552027048	
CAPÍTULO 9	109
O ETERNO RETORNO: ANÁLISE DE UM CASO DE AMNÉSIA ANTERÓGRADA	
Antonio Igor Duarte Braz	
Bianca Mendonça Maia	
Emanuela Maria Possidônio de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1552027049	
CAPÍTULO 10	111
RACISMO E PSICOLOGIAS: DIÁLOGOS NECESSÁRIOS	
Cláudia Freire Vaz	
Ângela Talita Faria Lima	
Debora de Assunção Souza	
Jonathas de Oliveira Marinho	
Monyke Kide Yamamoto Gushiken	
DOI 10.22533/at.ed.15520270410	
CAPÍTULO 11	122
A CERÂMICA NA ARTETERAPIA	
Elainy Mota Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.15520270411	
CAPÍTULO 12	136
ARTETERAPIA E PATCHWORK: UMA TESSITURA APLICADA NA REABILITAÇÃO	
Marcia Gallo De Conti	
DOI 10.22533/at.ed.15520270412	

CAPÍTULO 13	146
LENTE INTERIOR – POESIA, CONTOS E CORDÉIS COMO EXPRESSÃO DA HISTÓRIA DO CENTRO DAS MULHERES DO CABO	
Svetlana Valentim Delielbe Dalla Corte	
DOI 10.22533/at.ed.15520270413	
CAPÍTULO 14	150
CONTRIBUIÇÃO DO TESTE DE RORSCHACH NO CONTEXTO DA AVALIAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA	
Alessandra Carvalho Abrahão Sallum	
DOI 10.22533/at.ed.15520270414	
CAPÍTULO 15	166
PRÁTICAS PARENTAIS E TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA LEITURA BIOECOLÓGICA	
Isabela Vieira da Silva Santos Erika Conceição Gelenske Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.15520270415	
CAPÍTULO 16	181
REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA GRAVIDEZ EM MULHERES PRIMIGESTAS ASSISTIDAS NO AMBULATÓRIO DE PRÉ-NATAL DA MATERNIDADE ESCOLA DA UFRJ	
Lucineide Fernandes Moraes Gabriela Fernandes Moraes Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.15520270416	
CAPÍTULO 17	198
VIOLÊNCIA INFANTIL NO BRASIL E SUAS CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS: UMA ANÁLISE DA LITERATURA	
Ana Clara Pereira Nunes Cíntia Cassimiro da Silva Clarissa Teixeira Cardoso de Carvalho Fernanda Gonçalves da Silva Pâmela Cristine dos Santos Bastos da Fonseca Priscila da Silva Dias	
DOI 10.22533/at.ed.15520270417	
SOBRE O ORGANIZADOR	209
ÍNDICE REMISSIVO	210

OUVIR PARA COMPREENDER: A DIMENSÃO PSICOLÓGICA DA COMUNIDADE VILA VITÓRIA

Data de aceite: 15/04/2020

Data de submissão: 26/01/2020

Gabriel Nava Lima

Centro Universitário Estácio São Luís, São Luís,
Maranhão.

Lattes Link: [http://buscatextual.cnpq.br/
buscatextual/visualizacv.do?id=K4759403D6](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4759403D6)

Carmen Cristina Viegas Campos

Centro Universitário Estácio São Luís, São Luís,
Maranhão.

Lattes Link: [http://buscatextual.cnpq.br/
buscatextual/visualizacv.do?id=K4767177H0](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4767177H0)

Agnaldo Alles Quaresma

Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário
Estácio São Luís

Ana Beatriz Lima Freitas

Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário
Estácio São Luís

Marta dos Santos Silva

Graduando em Psicologia pelo Centro
Universitário Estácio São Luís

RESUMO: Analisar o comportamento social, e seu dinamismo, requer antes de tudo a percepção de que a realidade que cerca os agentes sociais refletem diretamente nos seus comportamentos. O presente estudo não perdeu essa verdade de vista ao analisar o comportamento social dos indivíduos que moram na comunidade Vila Vitória, localizada em uma

área de mangue que foi invadida quando da construção da MA 207, conhecida na cidade de São Luís, capital do Estado do Maranhão, como “Via Expressa”. O trabalho foi gestado dentro do projeto de extensão “Via Expressa Cidadã”. O projeto é ligado ao Centro Universitário Estácio São Luís e é multidisciplinar. Este trabalho foi construído a partir da interação entre os alunos do curso de Psicologia que fazem parte do projeto de extensão e a comunidade. Durante as visitas à comunidade, os alunos escutaram os moradores. Além de entrevistas semiestruturadas eles usaram a escutatória para interpretar a visão dos indivíduos que vivem na comunidade tem de si mesmo e da realidade que os cerca. Durante esse processo foi possível compreender como os moradores definem os problemas estruturais que gracejam pela comunidade e como eles buscam resolvê-los. Durante a realização das entrevistas semiestruturadas e da escutatória foi possível perceber como cada indivíduo que foi escutado se vê dentro da comunidade. Essa percepção forneceu as bases para a análise dos padrões de comportamentos das pessoas que foram escutadas. Nas falas foi possível perceber sentimentos como desilusão, impotência, abandono e solidão, principalmente entre as pessoas que viviam na área antes da construção da rodovia. Mas também foi possível perceber fé, euforia e unidade. Apesar de ainda está no

início, o trabalho junto a comunidade demonstrou que há a necessidade de atendimento psicossocial na, e para a comunidade que vive às margens da Via Expressa.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Social; Extensão Universitária, Projeto “Via Expressa Cidadã”; Comunidade Vila Vitória; Escuta.

LISTEN TO UNDERSTAND: THE PSYCHOLOGICAL DIMENSION OF VICTORIA VILLAGE COMMUNITY

ABSTRACT: Analyzing social behavior, and its dynamism, requires, above all, the perception that the reality that surrounds social agents directly reflects on their behavior. This study has not lost sight of this truth when analyzing the social behavior of individuals who live in the Victoria Village Community, located in a mangrove area that was invaded when the construction of MA 207, known in the city of São Luís, capital of the State of Maranhão, as “Via Expressa”. The work was carried out within the “Via Expressa Cidadã” extension project. The project is linked to the Estácio São Luís University Center and is multidisciplinary. This work was built from the interaction between students of the Psychology course who are part of the extension project and the community. During visits to the community, the students listened to the residents. In addition to semi-structured interviews, they used listening to interpret the view that individuals living in the community have of themselves and the reality that surrounds them. During this process, it was possible to understand how the residents define the structural problems that they joke about in the community and how they seek to solve them. During the conduct of the semi-structured interviews and the hearing, it was possible to perceive how each individual who was heard sees himself within the community. This perception provided the basis for analyzing the patterns of behavior of the people who were heard. In the speeches, it was possible to perceive feelings such as disappointment, impotence, abandonment and loneliness, especially among people who lived in the area before the construction of the highway. But it was also possible to perceive faith, euphoria and unity. Although it is still in its infancy, work with the community has shown that there is a need for psychosocial care in and for the community that lives on the banks of the “Via Expressa”.

KEYWORDS: Social Psychology; University Extension Project, Project “Via Expressa Cidadã”; Victoria Village Community; Listening

1 | INTRODUÇÃO

Em 2014 o Estado do Maranhão construiu a rodovia MA 207. Apesar de ser uma rodovia, a MA 207, batizada de Via Expressa, foi construída na zona urbana da cidade de São Luís, capital do estado. O objetivo da construção foi diminuir o tráfego de veículos em duas das principais avenidas da cidade: Carlos Cunha e Jerônimo de Albuquerque. Mas, para que isso acontecesse, vários terrenos e residências foram desapropriados e famílias que moravam em palafitas foram retiradas.

Durante a construção várias famílias que moravam em áreas vizinhas migraram para a área do projeto. A migração aumentou a ocupação do solo à margem direita do rio Anil, ampliando os impactos ambientais, principalmente nas áreas de mangues e brejos, berçários naturais na fauna aquática. Hoje existem aproximadamente 100 residências construídas de forma irregular às margens da rodovia. Ruas foram construídas sem planejamento urbano, a partir do entulhamento das áreas de mangues. Além disso, não existem creches, escolas, posto de saúde ou quaisquer outras estruturas estatais que lhes garantam direitos sociais.

O estudo aqui apresentado foi gestado dentro do Projeto de Extensão “Via Expressa Cidadã”. O objetivo do projeto é levar para à comunidade Vila Vitória – nome que os moradores deram para a área onde residem –, a infraestrutura e o material humano disponível no Centro Universitário Estácio São Luís, tendo como objetivo último incluir as pessoas que vivem no local. A forma de inclusão pauta-se na criação de uma estrutura que possibilite ao morador da comunidade acesso a serviços que podem ser prestados pelos cursos de graduação do Centro Universitário Estácio São Luís, mais especificamente pelos cursos de Biomedicina, Direito, Enfermagem, Nutrição, e Psicologia.

O presente estudo foi construído a partir da interação entre os alunos do curso de Psicologia que fazem parte do projeto de extensão e a comunidade. Essa interação, na forma de imersão, possibilitou a realização de uma análise da realidade psicossocial da comunidade e partiu da premissa que a comunidade e os indivíduos que nela residem, por não serem assistidos pelo Estado Brasileiro, necessitam de acompanhamento psicossocial.

O objetivo do trabalho foi estudar os comportamentos sociais das pessoas que vivem na comunidade, buscando compreender como os indivíduos percebem os problemas sociais que os cercam. Durante esse processo foi possível compreender como os moradores definem os problemas estruturais que gracejam pela comunidade e como eles buscam resolvê-los e como eles se veem dentro desse contexto sociocultural.

2 | MATERIAIS E MÉTODOS

Para alcançar os objetivos propostos foi adotada uma metodologia qualitativa, com a realização do levantamento de material bibliográfico e de dados estatísticos produzidos pelo Estado Brasileiro. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas e aplicada a técnica da escutatória. A escolha dessa metodologia teve como objetivo compreender a forma como aconteceu a ocupação da área onde hoje se encontra a comunidade Vila Vitória e analisar as relações sociais existentes no binômio comunidade/indivíduo. Apesar de ter seu respaldo em análises bibliográficas,

a pesquisa tem um viés exploratório, pois buscou entender, via aplicação da técnica da escutatória, a percepção dos moradores sobre o ambiente, o meio social onde interagem e sobre si mesmo.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Memória Coletiva e Memória Individual

Halbwachs (2006), quando diferencia Memória Coletiva de Memória Individual, afirma que a memória individual depende dos relacionamentos travados com os grupos de convívio e de referência que lhe são peculiares. A sociedade que circunda o indivíduo lhe influencia. Ela interfere diretamente na forma de lembrar o passado moldando o desenvolvimento social e as lembranças do indivíduo de acordo com a realidade exigida por ela.

Henri Bergson (2009) propõe uma visão diferente de memória. Ele afirma que “toda consciência é memória – conservação e acumulação do passado no presente”. Para que exista consciência é necessário que ela possua memória, que ela possua um passado, e seja capaz de lembrar de forma integral os fatos que viveu anteriormente.

Ecléa Bosi, ao analisar essas duas visões sobre a memória, afirma que uma preocupa-se somente com os quadros sociais da memória, e a outra deixa de levar em consideração que a memória é um fenômeno social. A análise das duas teorias fez Bosi chegar à conclusão que a memória tem um caráter pessoal, mas também familiar, grupal e social. (1994)

A imersão no dia-a-dia da comunidade Vila Vitória permitiu uma percepção clara sobre a “memória da comunidade”. Os moradores que migraram para a região depois da construção da rodovia MA 207 percebem a área somente como um local de morada ou, como um local onde lhes foi possível começar ou “recomeçar a vida”. Já as pessoas que viviam na região antes da construção da Via Expressa possuem uma lembrança mais intimista, pessoal, única sobre a área onde vivem.

Como afirma Bosi (1994, pp.411), “por muito que deva a memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador, e das camadas do passado a que tem acesso pode retirar objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum”.

Há na singularidade dos indivíduos, comunidades e sociedades uma identidade inerente, formada pela existência de duas realidades: uma interna e outra externa. Dito de outra forma: cada pessoa percebe a si mesmo, tem comportamento e interpretam a realidade de forma singular.

O terapeuta que tenta buscar uma melhoria significativa no seu paciente ou o psicólogo que tenta entender as relações entre indivíduos numa determinada comunidade, tem que ter em mente que o outro possui uma história de vida, que ele

possui uma memória coletiva e também uma memória individual. Essa verdade torna o paciente único, singular. Sem essa percepção o processo de escuta se torna falho e mecanicista, prejudicando a relação de ajuda.

Partindo dessa perspectiva Roger (2009, p.25) faz a seguinte reflexão: “... quanto mais me disponho a ser simplesmente eu mesmo em toda a complexidade da vida e quanto mais procuro compreender e aceitar a realidade em mim mesmo e nos outros, tanto mais sobrevêm as transformações”. Entender essa perspectiva ligada ao binômio “Eu e os outros” é essencial para a compreensão do indivíduo e para a compreensão das formas como se dá a socialização do mesmo.

Se analisarmos as narrativas feitas pelos moradores da Vila Vitória a partir do conceito de Convencionalização de Charles Bartlett podemos perceber um outro viés da do binômio “Eu e os outros”: um fato vivido por uma comunidade é lembrado de forma diferente pelos indivíduos que viveram aquele momento no passado. Isso acontece porque o ato de lembrar é uma experiência singular, todavia, as relações sociais e o ato de pertencer a uma comunidade, que possui uma construção histórica comum, levam os indivíduos a manipular suas lembranças – mesmo que inconscientemente – para adapta-las a construção histórica e cultural do seu grupo, da sua comunidade.

Segundo Bartlett, “a lembrança não aflora em estado puro na linguagem do falante que lembra; ela é tratada, as vezes estilizada, pelo ponto de vista cultural e ideológico do grupo em que o sujeito está inserido” (Bartlett apud Bosi, pp.64). Bartlett admite que os fatos são incorporados às lembranças pessoais a partir da simples assimilação e podem ir até a criação social de novos símbolos, surgidos de estímulos vindos do grupo no qual está inserido o indivíduo, daí se poder afirmar que a lembrança está normalmente condicionada ao interesse social do fato lembrado pelo narrador.

Essa relação entre o singular e o global, entre o indivíduo e a comunidade e as construções psicossociais nascidas dessa relação apareceu de forma nítida quando os indivíduos foram escutados. Escutados, não ouvidos. O ato de escutar inclui o ouvir, mas também fazem parte dele o silêncio do narrador e o tempo gasto para que o mesmo formule uma resposta para perguntas.

Foi perguntado a uma moradora que vivia na região antes da construção da rodovia se ela pescava no manguezal e quais tipo de peixe e mariscos eram pescados. A essa pergunta ela deu a seguinte resposta:

“Antes de eu me operar a gente pegava era saco de sururu, agora não tem mais não. Caranguejo, camarão, bagre sardinha... Tudo tinha aqui, bastava bota a rede. Era farto aqui, agora não tem nada. Eles entulharam né... O mangue tá todo entulhado. A agua todo tempo é suja, toda cheia de lixo, não dá quase pra gente andar. Eu tô com quase dois anos que não vou na beira do rio”.

As lembranças desta morada remetem a um passado, a uma forma de convívio social que não existe mais. A ligação com o mangue, fonte alimento e de renda foi rompida pela poluição da água e morte dos manguezais. Foi possível perceber durante a narração o sentimento de perda de identidade do grupo que acabou por alienar o indivíduo.

Outra narrativa permitiu aos escutadores perceber a forma como os moradores que migraram para a região depois da construção da rodovia compreendiam o ambiente que viviam.

Um dos entrevistados, quando perguntado se já morava na região antes da construção da rodovia, respondeu assim o questionamento:

“Não, eu não morava aqui não, eu morava na Janaina. Eu vim pra cá porque um primo meu disse que iam legalizar isso aqui e eu vim, mas tô arrependido. Como ele me disse que iam legalizar aqui eu fiz essa casa, gastei quase 40 mil pra fazer, mas já quis vender e me deram só 25, foi só por isso não sai daqui ainda. Mora aqui é difícil de mais. Não passa um ônibus. Pra vim pra cá ou pra sair daqui só de uber, ou então andar da avenida até aqui. Pra quem trabalha é ruim chegar aqui, ainda mais de noite”

Na fala do morador não existe nenhum indicio que indique que o mesmo se inclua como membro da comunidade. Não aparece da fala uma relação afetiva entre o indivíduo e a comunidade. Durante toda a entrevista ficou claro que a ida para a comunidade Vila Vitória estava ligada a possibilidade de conseguir uma casa própria legalizada. O narrador não se identifica com o local onde vive. Não há relações afetivas nem lembranças de um passado comum.

Uma análise simplista das duas falas pode dá a entender que existe uma divisão cultural e social na comunidade, mas com um olhar mais profundo, nascido da imersão social e da observação in loco, é possível perceber que as pessoas que habitam a região estão construindo uma nova realidade sociocultural, nascida da necessidade de se criar meios de ordenar o convívio de forma a evitar e/ou minimizar conflitos. Dessa interação social está nascendo uma nova identidade sociocultural.

Escutar é um processo onde as respostas podem ser percebidas por falas ou por silêncios. As respostas dadas a perguntas podem ser verbais ou não verbais. Passam pela percepção do que foi perguntado e seguem para o processo de atribuição de significados. A escuta é um ato social que acontece dentro de um contexto específico. É dialógico, não é singular, nem simplesmente psicológico. A pertinência da pergunta e o significado dado a ela pelo ouvinte e a resposta formulada passam necessariamente por filtros culturais e contextos sociais.

3.2 A Psicologia Social e sua aplicação na comunidade Vila Vitória

Ferreira (2010, p.51), ao discorrer sobre a História da Psicologia Social diz que

ela

“[...] tem se caracterizado pela pluralidade e multiplicidade de abordagens teóricas adotadas como referenciais legítimos à produção de conhecimentos sociopsicológicos. [...] Contudo, o binômio indivíduo-sociedade, isto é, o estudo das relações que os indivíduos mantêm entre si e com a sua sociedade ou cultura, sempre esteve no centro das preocupações dos psicólogos sociais, com o pêndulo oscilando ora para um lado, ora para o outro”.

Não há como analisar o que foi escutado durante a pesquisa sem levar em consideração o binômio indivíduo-sociedade. As lembranças são mediadas pelas relações socioculturais. A psique do indivíduo só pode ser entendida se for levado em consideração o ambiente e a realidade sociocultural coletiva que mediou sua individualidade.

Carlston (apud FERREIRA, 2010, p.54), diz:

[...] a cognição social pode ser vista atualmente como uma subárea da Psicologia, responsável por integrar uma série de micro-teorias que, ao longo do tempo, foram se desenvolvendo no contexto da Psicologia Social para explicar os modos pelos quais as pessoas pensam sobre si mesmas e sobre as coisas, formam impressões acerca de outras pessoas ou grupos sociais e explicam comportamentos e eventos. Apoiada no modelo de processamento de informação [...], a cognição social dedica-se, assim, a estudar o conteúdo das representações mentais e os mecanismos que se encontram subjacentes ao processamento da informação social. Ela se focaliza, portanto, nos modos pelos quais as impressões, crenças e cognições sobre os estímulos sociais (o próprio indivíduo, bem como outras pessoas, grupos e eventos sociais) são formadas e afetam o comportamento.

Cada indivíduo é construído socialmente, mas possui uma identidade única. Mesmo vivendo dentro de um mesmo contexto sociocultural, a percepção da realidade e a experiência de vida torna o indivíduo singular, lhe dá uma identidade, mas essa singularidade não o livra da influência da coletividade. É fato que as transformações sociais modificaram os comportamentos sociais, mas isso não retira das pessoas a capacidade de ser única. A massificação dos comportamentos sociais não acabou com a singularidade individual. Essa verdade é o objeto de estudo da Psicologia Social, entender as singularidades dentro do universal.

Nas primeiras semanas de imersão na comunidade Vila Vitória um depoimento específico foi usado como norte para o desenvolvimento do trabalho. Uma das moradoras mais antigas da comunidade foi abordada e questionada sobre sua inclusão em programas de assistência social estatal. A narrativa foi um marco porque nela foi possível perceber as singularidades do meio social.

A narradora em questão começou sua fala respondendo o questionamento feito, todavia, durante a narrativa – e sem ser inquerida – a mesma começou a guiar o depoimento para uma pauta singular. Sem ser questionada, como já foi frisado, a narradora passou a falar sobre a situação econômica e os problemas de convivência

social vividos por sua família.

“Olha eu moro aqui sozinha, só eu, meu filho, e meus netos. Ele tá doente, fica falando sozinho, as vezes nem consegue trabalhar mais isso não culpa dele, a culpa é da mulher que teve. Ela se juntou com ele e depois largou. Agora ele tá aí... E eles ainda tiveram um filho que aquela mulher nem cuida. Hoje ele está aqui. Eu fui buscar na casa da vó dele, porque a mãe não cuida. Ele tava lá com as pernas cheia de feridas e ela nem ligou. Eu fui e trouxe ele pra cá.”

Na fala da narradora aparece uma contradição. Ela afirma que mora só, mas diz também mora com um filho e vários netos. Apesar de parecer incongruente num primeiro momento, essa fala pode ser interpretada a partir do cotidiano da moradora.

Ela diz no seu depoimento que suas filhas trabalham e por isso deixam as crianças com ela.

“Minhas filhas trabalham fora a semana toda e por isso deixam os meninos aqui. Sou eu que levo pra escola, que levo no médico... Até o filho da minha neta fica comigo... E passo o dia todo cuidando deles. Cozinho, lavo as roupas... dou banho nos pequenos... Só de noite que eles vão pra casa deles, mas sempre fica um comigo. Isso as vezes é ruim porque meu filho chega do trabalho vai tomar banho e fica lá conversando sozinho. As vezes passa mais de uma hora conversando. Quando sai vai pra televisão. Passa o tempo todo na televisão”.

A casa é cheia de pessoas, mas ela não tem tempo de manter relações sociais com a comunidade. Daí a solidão na multidão. Quando fala da sua situação financeira o contexto que vive é a base da narrativa.

“Eu não tenho aposento, já tentei me encostar mas até agora não consegui. Já fui no INSS, um advogado até disse que ia me ajudar, mas até agora nada. Eu sou doente, tenho um problema na perna e no coração, não posso trabalhar, mas não consigo me aposentar. Eu só tenho essa casa porque uma conhecida que me conhece desde pequena me deu, se não fosse ela eu nem tinha onde morar.... Eu recebo bolsa família, minhas filhas também, mas o dinheiro é pouco, tem dia que só tem arroz branco.... Às vezes é ruim pra viver...”

Ficou claro durante a narrativa que a moradora em questão, ao falar dos problemas econômicos, e de convivência familiar, tinha como único objetivo “conversar com alguém porque se sentia só”. Durante sua fala os entrevistadores tentaram, por várias vezes, encerrar o depoimento, todavia, a entrevistada continuou a narrar sua dor subjetiva. Sem ter como objetivo último criar uma relação terapêutica, a narradora tentou criar essa relação. Ela buscou levar os ouvintes a se colocar no seu lugar.

É fato que qualquer relação terapêutica deve ser vista como um fenômeno, um movimento, onde o terapeuta tem de ter uma escuta humanizada, onde se permita quebrar preconceitos. A eficácia para a busca da transformação, ou uma melhoria de um paciente está em saber ouvir e saber se colocar na dimensão do outro. A fala da

narradora levou os estudantes de psicologia a fazer esse exercício mental.

Rogers, (2009, p.25), ao analisar o ato de ouvir faz a seguinte reflexão:

“Verifiquei que aceitar verdadeiramente uma pessoa e seus sentimentos não é nada fácil, não mais do que compreendê-la. Poderei realmente permitir que outra pessoa sinta hostilidade em relação a mim? Poderei aceitar sua raiva como uma parte real e legítima de si mesma? Poderei aceitá-la quando ela encara a vida e seus problemas de uma forma completamente diferente da minha? Poderei aceitá-la quando tem para mim uma atitude positiva, quando me admira e me toma como modelo? Tudo isto está englobado na aceitação e não surge facilmente”.

Ao se analisar o depoimento é possível constar que o ato de fazer perguntas que de alguma forma remetiam a vida privada da morada, desencadeou um processo de empatia que marcou o grupo de alunos. Eles perceberam na ânsia de ser ouvida, a solidão da narradora. Interpretando a fala de Rogers: quando o terapeuta se coloca no lugar do outro, as portas se abrem para que o outro que é aceito e entendido possa se aceitar também e, conseqüentemente, crescer como indivíduo.

“Essa aceitação de cada aspecto flutuante desta outra pessoa constitui para ela uma relação de afeição e segurança, e a segurança de ser querido e prezado como uma pessoa parece ser um elemento sumamente importante em uma relação de ajuda”. (Rogers, 2009, p.39)

Se aceitarmos a reflexão de Rogers como pertinente, é necessário crer que o ser humano possui uma responsabilidade para consigo mesmo e com os outros. A cultura, a educação, a família, todos são fatores de peso para a formação da personalidade de uma pessoa, no entanto, em cada um há um espírito de liberdade que mesmo diante de influências internas e externas permite ao indivíduo fazer escolhas e isso coloca o existir humano além de um simples jogo determinista.

Frankl, (2018, p. 169) parte dessa premissa ao discutir as singularidades dos indivíduos no meio social. Segundo ele,

“[...] estaríamos francamente à deriva, levados pela torrente do fatalismo, se fizéssemos de conta que unicamente a hereditariedade e o meio seriam os componentes de um jogo de forças denominado ser humano. Seria incorrer no equívoco de decidir sobre a sorte e a vocação da pessoa sem consultar a própria, desconsiderando a sua essência radicalmente espiritual e, portanto, livre, e por isso responsável. ”

Frankl, ao discutir a singularidade do indivíduo, reforça a necessidade de se manter uma identidade no meio social sob pena de ser apagado por fazer parte de uma coletividade. Todo indivíduo precisa de uma identidade própria. Por isso, somente no seio de uma comunidade o sujeito encontra condições de se destacar.

Ainda segundo o autor,

“[...] Tal se deve ao fato de a comunidade necessitar da presença de personalidades dela destacadas e de, em contraposição, cada personalidade precisar da comunidade em cujo seio – e somente dentro dela – se poderá realizar e, pois, ser inteiramente pessoa. Bem diferente, porém, é o que sucede com a massa. Nesta, nenhuma personalidade humana, nem sequer algo como a pura individualidade de um sujeito, terá condições para fazer-se valer e desenvolver-se. A massa, de preferência, prescinde da personalidade, que para ela constitui um embaraço. Por essa razão, combate as personalidades, reprime-as, priva-as da liberdade, castrando essa liberdade em nome da igualdade”. (Frankl, 2018, p.51).

Essa discussão pode ser ampliada ao se inserir nesse contexto a Psicologia Comunitária. Lane (1999, p.32) diz que:

“Fazer psicologia comunitária é estudar as condições (internas e externas) ao homem que o impedem de ser sujeito e as condições que o fazem sujeito numa comunidade, ao mesmo tempo que, no ato de compreender, trabalhar com esse homem a partir dessas condições, na construção de sua personalidade, de sua individualidade crítica, da consciência de si (identidade) e de uma nova realidade social.”

3.3 A religião como mediadora de conflitos

Ao se analisar as forças que mantém unida a comunidade Vila Vitória ou que, de alguma forma influencia os moradores da comunidade, é possível perceber nitidamente o papel de destaque dos dois pastores que convivem com os moradores de forma direta. Um dos pastores não mora na comunidade, mas sua Igreja possui um templo lá onde há pregação em dois dias da semana. O outro pastor mora na comunidade, e o local do culto é na sua residência.

O projeto “Via Expressa Cidadã” foi apresentado à comunidade pelo pastor que não mora na comunidade. Além de informar à comunidade que o Centro Universitário Estácio de São Luís iria começar um projeto de extensão com o objetivo de assistir a comunidade, ele também apresentou o coordenador do projeto durante um culto e cedeu o espaço onde é realizado o culto para que as atividades do projeto pudessem ser desenvolvidas. Ao fazer isso ele respaldou o projeto e o legitimou perante sua congregação.

Sua ascendência sobre os membros da sua congregação foi vista no primeiro contato dos membros do projeto de extensão com a comunidade. Foi marcado um dia para que a comunidade acadêmica fizesse o primeiro contato com a comunidade, mas a mesma não se fez presente. A Igreja foi aberta, os alunos e os professores-orientadores se postaram para o atendimento, mas não haviam pessoas para serem atendidas.

Diante desta realidade, o pastor fez algumas ligações e visitou algumas casas conclamando as pessoas a se fazerem presente na Igreja. Essa ação individual desencadeou uma ação coletiva que teve como resultado o comparecimento de dezenas de pessoas. Durante os atendimentos feitos pelos estudantes, orientados

pelos professores, foi possível escutar as conversas dos moradores e perceber a ascendência do pastor sobre os fiéis.

Ao ser questionada porque só havia comparecido ao evento depois da intervenção do pastor, uma moradora deu o seguinte depoimento:

“Eu não vinha. Me falaram que vocês estavam aqui, mas eu não sabia o que vocês queriam com a gente. Aqui vem sempre político dizer que vai ajudar a gente, que vai mandar asfaltar as ruas, mas depois que acaba a eleição nunca mais vem aqui. Eu pensava que isso era coisa de político, só vim mesmo porque a irmã foi lá em casa dizer que o pastor estava chamando aqui na Igreja”.

O pastor que mora na comunidade também teve papel de destaque quando os atendimentos passaram a ser realizados dentro da comunidade. Ele apresentou os membros do projeto a seus fiéis. Sua fala facilitou a implantação do projeto no seio na comunidade e permitiu que algumas pessoas aceitassem atendimentos mais invasivos. Essas duas intervenções tornaram nítido a ascendência (ou controle social) que os dois pastores possuem sobre a comunidade

Durante o período de realização da pesquisa, a figura dos dois pastores foi relacionada como pessoas que ajudavam a comunidade, conseguiam cestas básicas, remédios, davam conselhos e faziam atendimentos espirituais.

Como afirma Rogers (2009, p.46):

“[...] Em outras palavras, a relação de ajuda pode ser definida como uma situação na qual um dos participantes procura promover numa ou noutra parte, ou em ambas, uma maior apreciação, uma maior expressão e uma utilização mais funcional dos recursos internos latentes do indivíduo. ”

Neste sentido ajudar seria proporcionar ao indivíduo elementos que possam facilitar, ou auxiliá-lo a desembaraçar mecanismos de defesas impostos por ele mesmo para bloquear sua capacidade de chegar a maturidade, a ter sua singularidade, a ter identidade própria. Mas essa ajuda não se limita a relação entre duas pessoas ela também pode ser levada a um grupo ou comunidade visando capacitá-la, lhe dando identidade para se impor como um agente social totalizante e empoderado pela união dos membros que a compõe.

A figura dos dois pastores e o papel agregador que desempenham demonstra a relação entre singularidade e universalidade existente no meio social. A figura do pastor não se restringe ao indivíduo, ele personifica a fé em algo superior, ele é visto como um mediador entre o natural e o sobrenatural.

Foi através da aplicação da técnica da escutatória que se percebeu a importância da Religião dentro da Comunidade. O credo comum uniu as pessoas que migraram para a área onde foi construída a rodovia e as pessoas que já viviam no local antes da construção da mesma. Apesar de possuírem uma visão sociocultural singular, os

dois grupos se “misturaram” graças a crença universal no sobrenatural.

Ao escutar a conversa dos dois pastores com os indivíduos que fazem parte de suas congregações é possível perceber a euforia, a alegria e sensação de inclusão nas falas. Os indivíduos não perderam suas singularidades, a região os uniu, criando uma identidade comum. A fé, além de possibilitar o acesso a comunidade também possibilitou o acesso aos indivíduos.

3.4 A Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) como meio para o surgimento da “nova comunidade”

Um outro fator que ajudou a agregar os indivíduos que moram na comunidade Vila Vitória está ligado a construção da ETE (Estação de Tratamento de Esgoto) pela CAEMA (Companhia de a Agua e Esgoto do Maranhão). A construção da estação de tratamento de esgoto gerou renda para a comunidade, pois as pessoas que moravam na região foram contratadas para trabalhar na obra, todavia, o início do funcionamento da mesma gerou um descontentamento coletivo capaz de unir a comunidade e criar uma identidade comum. Foi perguntado a todos os entrevistados como o funcionamento da ETE afetou sua vida e a vida da comunidade. As respostas dadas a essa pergunta também demonstrou a relação existente entre o indivíduo e a comunidade.

Alguns entrevistados relacionaram a ETE e o surgimento de doenças.

“Olha, depois dessa construção ai, morar aqui ficou um tormento. Fede muito, eles plantaram uns eucaliptos aí, mas fede de mais, principalmente quando eles despejam os caminhões. São duas, as vezes três vezes no dia. É um fedor grande. Muita gente aqui tá com problema de respirar por causa disso”.

Um outro morador disse:

“... [...] os meninos aqui estão com as pernas cheias de feridas. Eles vão tomar banho na lagoa... eu acho que é por isso que tá assim. A água da estação cai lá. Se fossem meus filhos eu não deixava, mas muitos vão. Tá tendo muita gente doente também... Vomitando, com febre... Todo se coçando.... Pra mim isso vem da água que a estação joga no mangue. ”

A imagem da estação também foi ligada a degradação ambiental:

“... Olha, a água que eles jogam no mangue era suja, agora sai limpa, mas ela agora queima todo o mangue. Ela faz uma espuma que por onde passa mata o mangue, ele queima todo e mata tudo. Onde passa a água não existe coisa viva.... Caranguejo, peixe.... Aqui antes era fácil pescar, mas agora tá difícil. ”

Um outro entrevistado respondeu à pergunta informando que a comunidade foi enganada pelo governo do Estado.

“Quando eles vieram dizer que iam construir ai do outro lado não falaram que iam tratar esgoto, eles fizeram umas reuniões aqui e falaram que iria ser construído um conjunto de prédios. Passaram uma lista pedindo pra gente assinar dizendo que aceitava e nós assinamos. Todo mundo achou bom... ia valorizar.... Até muita gente veio morar aqui porque achou que ia melhor de vida, outros construíram casa boa... Aí vem e constrói essa ETE bem ai. Só enrolação. Nos enganaram. Nossa vida ficou foi pior porque fede muito e não tem como resolver isso.”

Ao ouvir os depoimentos é admissível afirmar que a comunidade gostaria que a ETE fosse retirada do local, todavia, quando se escutar os depoimentos, não só si ouve o relato, é possível perceber a singularidade de cada narrador, é possível perceber na entonação da fala ou nos silêncios prolongados (na forma de lamento ou expressão de raiva e frustração) que a construção e funcionamento da ETE teve, em cada um dos depoentes, um impacto e gerou um sentimento diferente. Todavia, esse sentir de forma diferente a implantação da ETE não atrapalhou o surgimento de uma identidade coletiva e comunitária, na verdade ela foi um fator agregador pois uniu as pessoas que moravam na região antes da construção da rodovia e as que migraram para a região depois da construção lhes dando um objetivo comum: buscar meios de minimizar os impactos ambientais surgidos quando do início da operação da ETE.

4 | CONCLUSÃO

Durante a realização das entrevistas semiestruturadas e da escutatória foi possível perceber como cada indivíduo que foi ouvido se vê dentro da comunidade. Essa percepção possibilitou uma análise dos padrões de comportamentos das pessoas que foram entrevistadas ou escutadas.

Nas falas foi possível perceber sentimentos como desilusão, impotência, abandono e solidão, mas também pertencimento, união e aceitação do outro como igual, principalmente entre as pessoas que viviam na região antes da construção da rodovia. Apesar de ainda está no início, o trabalho junto à comunidade já demonstrou que o atendimento psicossocial é necessário. Não só os indivíduos, mas toda a comunidade está fragilizada e necessita de apoio psicossocial.

REFERÊNCIAS

BOSI, E. **Memória e Sociedade** São Paulo, Companhia das Letras, 1994

FERREIRA, M. C. A Psicologia Social Contemporânea: Principais Tendências e Perspectivas Nacionais e Internacionais. **Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, 2010, Vol. 26, n. especial, pp. 51-64** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26nspe/a05v26ns.pdf>. Acesso: 22 de janeiro de 2020.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia para todos: uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva**. 3. edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva** (Trad. Beatriz Sidou), São Paulo, Centauro, 2006

JODELET, D. (1998). Processos psicossociais da exclusão. In B.B. SAWAIA (Ed.), **As artimanhas da exclusão. Análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis, Ed. Vozes, pp. 53-66.

LANE, S. T. M. **O que é Psicologia Social**. 1º ed. São Paulo. Brasiliense. P 88. 1981

ROGERS, C. R. **Torna-se Pessoa**. 6. Edição. São Paulo: Martin Fontes, 2009.

THOMPSON, P. **A Voz do Passado, História Oral**, São Paulo, Paz e Terra, 1992

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescência 39, 135, 195, 196, 197, 206

Amnésia 109, 110

Aprendizagem 17, 38, 109, 110, 134, 170, 200

Autismo 166, 167, 168, 169, 170, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180

Autoconhecimento 122, 123, 124, 126, 136, 137, 139, 140, 142, 149

B

Bioecológico 166, 168, 171, 172, 173, 179

Burnout 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 29, 31, 33, 42, 47, 49, 50, 52, 55, 56, 57, 58

C

Cerâmica 122, 123, 124, 125, 128, 130, 131, 132, 134, 135

Comunidade 7, 18, 21, 45, 47, 51, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 135, 146, 147, 148, 184, 186, 199

Criatividade 135, 138, 142, 144, 146, 147, 148, 171

Cultura 3, 11, 60, 62, 64, 74, 101, 103, 115, 118, 135, 183, 185, 202, 204

D

Discurso 19, 111, 114, 115, 116, 119, 120, 121, 147, 148, 186, 192, 193, 194

Docência 49, 50, 57, 58

E

Educação 11, 17, 18, 23, 33, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 72, 74, 75, 81, 82, 89, 91, 93, 103, 121, 133, 135, 137, 140, 150, 173, 180, 181, 183, 195, 197, 201, 204, 205

Ensino 9, 10, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 58, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 130, 135, 153, 178, 188

Estresse 1, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 31, 33, 39, 47, 49, 50, 51, 52, 55, 57, 58, 70, 173, 174, 178, 200, 203, 204

G

Gravidez 181, 182, 183, 184, 186, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196

H

Hipocampo 109, 110, 204

M

Maus-tratos infantis 206

Memória 34, 35, 36, 38, 98, 99, 107, 108, 109, 110, 149, 156

Mercado de trabalho 14, 15, 19, 20, 22, 23, 87, 88, 89, 91

Morte 33, 60, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 91, 100, 139, 155, 164, 184, 199

N

Neuropsicologia 110, 150, 151, 152, 164, 165

O

Obesidade 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 68, 69, 70, 121

P

Poesia 146, 147, 148

Políticas públicas 5, 28, 40, 43, 92, 149, 204, 205

Presídio 85, 86

Psicologia organizacional 20

Psicologia social 93, 96, 100, 101, 107, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 121, 183, 185, 196

Psicossomática 76, 77, 78, 79

Q

Qualidade de vida 1, 3, 4, 5, 6, 11, 12, 13, 50, 51, 57, 58, 59, 80, 110, 138, 140, 144, 167, 174, 176

R

Reabilitação 3, 12, 17, 28, 86, 136, 137, 138, 139, 141, 144, 145, 150, 167, 174, 179

Recursos humanos 7, 14, 15, 19, 20, 22

Relações sociais 97, 99, 102

Representações sociais 83, 87, 88, 90, 91, 93, 94, 114, 121, 181, 183, 185, 186, 187, 195, 196, 197

Rorschach 40, 150, 151, 153, 154, 156, 157, 159, 160, 164, 165

S

Saúde 1, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 18, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 69, 70, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 97, 113, 118, 120, 136, 137, 138, 140, 141, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 166, 167, 168, 174, 176, 177, 178, 179, 181, 182, 183, 187, 188, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 204, 205, 206, 207, 208

Saúde coletiva 13, 23, 43, 69, 82, 187, 195, 206, 207, 208

Saúde mental 3, 8, 12, 25, 28, 29, 31, 39, 40, 43, 44, 45, 48, 52, 63, 76, 79, 146, 149, 177

Saúde pública 12, 40, 43, 57, 59, 60, 197, 198, 200, 205, 206, 207, 208

T

Terapia cognitiva comportamental 59, 66, 70

Trabalho 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 73, 75, 77, 81, 82, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 95, 96, 97, 101, 102, 107, 109, 111, 112, 115, 118, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 147, 148, 149, 150, 151, 156, 164, 167, 172, 190, 196, 202

Transtorno mental 25, 26, 27, 29, 31, 32, 34, 36, 37, 40, 41, 42

Treinamento 17, 20, 22, 35, 40, 73, 152, 154, 166, 175, 178, 179

U

Universidade 1, 8, 14, 23, 43, 45, 46, 47, 48, 55, 56, 70, 71, 92, 93, 94, 111, 113, 114, 115, 117, 120, 121, 122, 150, 165, 178, 179, 180, 187, 194, 195, 196, 197, 198

 **Atena**
Editora

2 0 2 0